

FORMAÇÃO DOCENTE (LICENCIATURAS/PROFESSORADOS) EM ARTES VISUAIS NO BRASIL E NA ARGENTINA: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS

TEACHING TRAINING (LICENSES / TEACHERS) IN VISUAL ARTS IN BRAZIL AND ARGENTINA: SIMILARITIES AND DIFFERENCES

Valéria Metroski de Alvarenga¹

Resumo:

Quais são as semelhanças e as diferenças entre os cursos de graduação em Artes Visuais no Brasil e na Argentina? Visando à resposta dessa pergunta, realizamos um breve histórico do ensino e da formação docente em Arte nos dois países, identificamos a quantidade de cursos da área artística, suas categorias administrativas (pública ou privada), as modalidades de ensino (presencial ou EAD) e apresentamos reflexões sobre as matrizes curriculares. A pesquisa é de cunho quali-quantitativo e faz parte do projeto em rede “Observatório da Formação de Professores no Âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina”. Constatamos que as diferenças entre os cursos são oriundas de fatores externos (econômicos, culturais, sócio-históricos), os quais abrangem a educação como um todo em ambos os países, e que as semelhanças são próprias da área de Arte, tais como: mais cursos de Música e de Artes Visuais, assim como a diversidade de enfoques nas matrizes curriculares.

Palavras-chave: Formação docente. Artes Visuais. Brasil e Argentina. Cursos de graduação. Observatório.

Abstract:

What are the similarities and differences between undergraduate courses in Visual Arts in Brazil and Argentina? In order to answer this question, we made a brief history of teaching and teacher training in Art in both countries, identifying the number of courses in the artistic field, their administrative categories (public or private), the teaching modalities (in person or EAD) and we present reflections on the curricular matrices. The research is of a qualitative and quantitative nature and is part of the network project “Observatory of Teacher Education in the Field of Art Teaching: comparative studies between Brazil and Argentina”. We found that the differences between the courses are due to external factors (economic, cultural, socio-historical), which encompass education as a whole in both countries, and that the similarities are specific to the area of Art, such as: more Music and Visual Arts courses, as well as the diversity of approaches in the curricular matrices.

Keywords: Teacher training. Visual arts. Brazil and Argentina. Undergraduate courses. Observatory.

¹ Doutora e mestra em Artes Visuais (UDESC), licenciada e bacharela em Artes Visuais (UFPR), professora de Arte na SEED/PR e no curso de licenciatura em Artes Visuais na modalidade EAD (Uninter). E-mail: valeriametroski@hotmail.com

Introdução

Esta pesquisa faz parte do projeto em rede “Observatório da Formação de Professores no âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina” (OFPEA/BRARG) e é decorrente da tese de doutorado da autora, a qual intitula-se: “A formação dos professores formadores nos cursos de graduação em Artes Visuais: estudos comparados entre Brasil e Argentina²”, defendida em 2020 no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGAV/Udesc), sob orientação da professora doutora Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva.

A pesquisa é de cunho bibliográfico e com viés quali-quantitativo, sendo o nosso principal objetivo apresentar similaridades e distinções entre os cursos de graduação na área de Arte, com foco nas Artes Visuais, presentes no Brasil e na Argentina. Para tal, realizamos um breve histórico do ensino de Arte/Educação Artística em ambos os países e suas relações com os cursos de formação docente em Arte. Fizemos um levantamento da quantidade de cursos nas diferentes linguagens artísticas (Música, Dança, Teatro e Artes Visuais) e aprofundamos a pesquisa nos cursos de Artes Visuais no que se refere à categoria administrativa (pública ou privada), as modalidades de ensino (presencial ou EAD), assim como realizamos alguns apontamentos sobre as matrizes curriculares deles.

Como aporte teórico, contamos com os seguintes autores: Alvarenga (2020; 2021), Alvarenga e Fonseca da Silva (2018), Azevedo (2014), Chapato (2014), Chapato e Dimatteo (2014), Fonseca da Silva (2014), Fonseca da Silva e Buján (2016), Sampaio (2012), Welti (2011), *sites* governamentais/institucionais (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – Inep; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes; *Ministerio de Ciencia, Tecnología e Innovación* – MINCYT etc.), entre outros.

O presente artigo está organizado da seguinte forma: Breve histórico do ensino de Arte/Educação Artística no Brasil e na Argentina; Cursos de graduação em Arte, com foco nas Artes Visuais (Argentina); Cursos de graduação em Arte, com foco nas Artes Visuais (Brasil); Cursos de formação docente em Artes Visuais no Brasil e na Argentina: matrizes curriculares e Considerações finais.

Breve histórico do ensino de Arte/Educação Artística no Brasil e na Argentina

² Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000081/000081fc.pdf>.

A formação docente na área de Arte se relaciona com a instituição da obrigatoriedade desse ensino na educação básica, gerando expansão da área artística de modos distintos. Na Argentina, a obrigatoriedade do ensino da Educação Artística, sob outro nome na época, surgiu em 1884, enquanto no Brasil a obrigatoriedade ocorreu em 1971. Embora haja uma diferença de quase cem anos entre a obrigatoriedade do ensino de arte nos dois países, na atualidade encontramos semelhanças entre eles, como veremos na sequência do texto.

No Brasil, a partir da Lei nº 5.692/1971, foi instituída a obrigatoriedade da Educação Artística. Essa nova disciplina no currículo da educação básica gerou demanda por docentes, ocorrendo então o surgimento de cursos de formação de professores (licenciaturas curtas com dois anos de duração), com características polivalentes. Vale ressaltar que esse aspecto não foi específico da área de Arte e que na época atingiu outras áreas do conhecimento. Em 1980, coincidindo com o início da reabertura democrática no Brasil, houve o movimento dos professores de Arte para modificar a situação da área artística, resultando no surgimento das associações da área, o que permitiu que com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/1996 ocorresse a mudança da nomenclatura de Educação Artística para Arte e a alteração da perspectiva da área, que passa de “atividade” para “área do conhecimento” (ALVARENGA; FONSECA DA SILVA, 2018).

No fim do século XX e início do século XXI, os cursos de licenciatura em Arte começaram a se diversificar, ou seja, ao invés de cursos de graduação que formavam os professores de modo polivalente, surgiram cursos de quatro anos com linguagens artísticas específicas e separadas (Música, Dança, Teatro e Artes Visuais). Aspecto esse que foi reforçado a partir da criação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos de graduação nessas quatro linguagens artísticas, a partir de 2004. Essas políticas públicas educacionais também foram resultantes do fortalecimento das associações da área de Arte e suas lutas. Todavia, mesmo com os cursos de licenciatura se tornando específicos (com linguagens artísticas separadas), o problema da polivalência continuava e continua, pois os documentos curriculares que orientam o ensino de Arte na educação básica, assim como os gestores das escolas, muitas vezes continuam cobrando que o professor de Arte ensine as quatro linguagens artísticas, mesmo que ele tenha formação em apenas uma. A Lei nº 13.278/2016 especifica o que deve ser compreendido pela palavra “Arte” na atual LDB, ou seja, a Música, a Dança, o Teatro e as Artes Visuais, todavia a lei está sujeita a interpretações diversas, pois não detalha como essas quatro linguagens artísticas devem ser inseridas no currículo da

educação básica, embora apresente que deva ocorrer a “[...] necessária e adequada formação dos respectivos professores em número suficiente para atuar na educação básica” (BRASIL, 2016, *online*).

Logo na sequência, outra lei foi aprovada: a Lei nº 13.415/2017, aliada à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que altera, novamente, a condição da Arte em meio ao currículo da educação básica, atingindo também os cursos de formação docente. A Arte passa a integrar o itinerário formativo das Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, o qual contempla um conjunto de componentes curriculares, a saber: a Língua Portuguesa, a Língua Inglesa, a Educação Física e a Arte. Tais reformas estão em andamento, logo tanto o ensino de Arte quanto a formação docente encontram novos desafios em nosso país.

Nesse sentido, vemos que, no Brasil, o ensino de Arte na educação básica passou por diversas transformações, estando estas inter-relacionadas com a formação de professores dessa área. Atualmente, tal ensino continua obrigatório na educação básica, porém a Lei nº 13.415/2017, aliada à BNCC, apresenta o termo “estudos e práticas” de Arte, o que pode ocasionar diluição da área com a junção dos componentes curriculares por meio dos itinerários formativos.

Na Argentina, a obrigatoriedade do ensino da “Educação Artística”, na época contemplando apenas o Desenho e a Música Vocal, surgiu com a Lei nº 1.420/1884, a qual se destinava ao ensino primário, contemplando crianças e adolescentes entre 6 e 14 anos. Diferentemente do Brasil, não houve uma ampla criação de cursos de formação docente na área de Arte para suprir a demanda inicial e, segundo Welti (2011), os professores de Desenho eram oriundos da *Academia Estímulo Belas Artes*, os quais, inicialmente, tinham uma formação mais técnica do que pedagógica. No início do século XX, ocorreu um processo de renovação do currículo da área artística nas escolas desse país e houve a criação de cursos de formação específicos: “[...] na década de 1940 três escolas de Arte são reorganizadas para formar professores, as quais compreendiam três ciclos/níveis: 1) Manuel Belgrano, 2) Prilidiano Pueyrredón e 3) Ernesto de la Cárcova” (ALVARENGA, 2020, p. 172), sendo que cada uma dessas escolas tinha funções diferenciadas, a saber:

[...] a Escola Nacional de Belas Artes Manuel Belgrano era de nível médio de Educação Artística, e os graduados obtinham o título de mestre em Desenho Nacional, podendo atuar nas matérias artísticas de Artes Plásticas nas escolas de “Ensino Fundamental”. A Escola Nacional de Belas Artes Prilidiano Pueyrredón também formava professores com ensino artístico, mas para o ensino secundário e superior. Já a Escola Superior de Belas Artes da Nação Ernesto de la Cárcova foi constituída no nível de Pós-Graduação do sistema

orgânico integrado, no qual os graduados realizavam, antes do exame de admissão, algumas de suas carreiras de especialização (ARGENTINA, 2007 *apud* ALVARENGA, 2020, p. 172).

Vemos, portanto, que na Argentina houve modelos de formação docente na área de Arte diversificados, diferentemente do Brasil, que apresentou uma padronização dos cursos.

Para alguns autores, tais como Chapato (2014) e Chapato e Dimatteo (2014), a formação docente em Educação Artística, na Argentina, se consolida realmente há mais ou menos 50 anos, período semelhante ao brasileiro. As autoras constataam que a tradição em Música e Artes Visuais é maior do que a Dança e o Teatro, afirmando que estes últimos ganharam maior visibilidade com as reformas educativas ocorridas em 1990. A *Ley Federal de Educación (LFE)* nº 24.195/1993 estabeleceu que a área artística teria a denominação “Educação Artística”, sendo esta a nomenclatura vigente, e garantiu o acesso a esse ensino a todos os níveis da educação. Vale ressaltar que os professorados (nomenclatura dos cursos de formação docente) da área artística na Argentina foram inseridos tardiamente nas IES se comparados com os professorados das outras áreas do conhecimento.

Atualmente, a forma como o ensino de Arte/Educação Artística aparece nos dois países, assim como as políticas públicas educacionais para a área artística, é a seguinte:

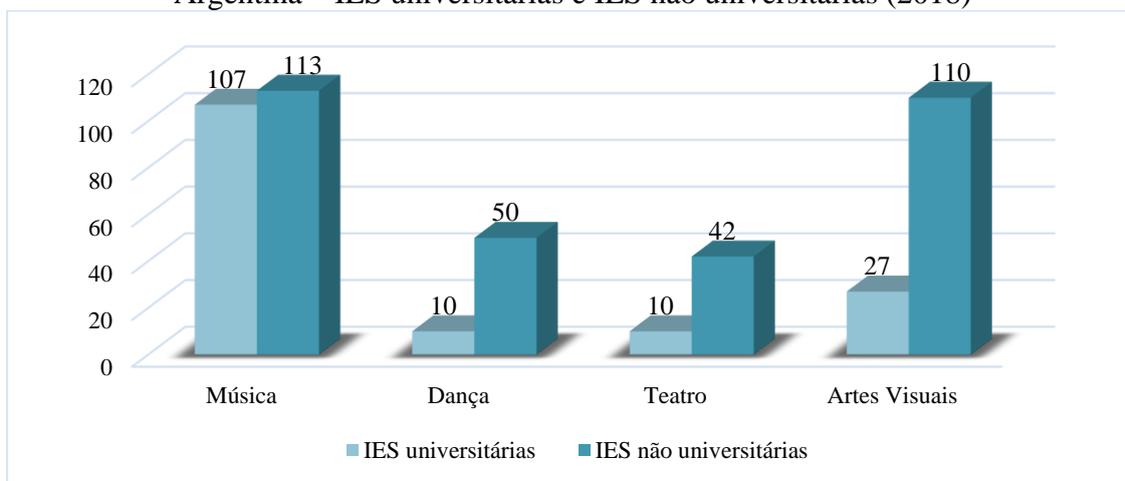
[...] no Brasil a Arte aparece como componente curricular obrigatório na Educação Básica (da Educação Infantil até o Ensino Médio), já na Argentina a Educação Artística é uma área obrigatória tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior (cursos de formação docente em geral, abrangendo a educação inicial e primária) e é uma modalidade de ensino entre as oito existentes. Ou seja, o aspecto obrigatório do ensino de Educação Artística na Argentina é muito mais amplo e complexo do que no Brasil. No que se refere às políticas educacionais, há documentos que regulam e orientam a formação docente em Arte, tanto no Brasil quanto na Argentina, nas linguagens artísticas específicas (FONSECA DA SILVA; BUJÁN, 2016 *apud* ALVARENGA, 2020, p. 393).

Vemos, portanto, que embora a obrigatoriedade do ensino da Arte e da Educação Artística tenha surgido em períodos distintos nos países analisados, elas apresentam pontos semelhantes, refletindo também nos cursos de graduação para formação de professores na área de Arte, como veremos nos tópicos seguintes.

Cursos de graduação em Arte, com foco nas Artes Visuais (Argentina)

Na Argentina, os cursos de formação docente são denominados “professorados” e podem ser oferecidos tanto em Instituição de Ensino Superior (IES) universitárias quanto em IES não universitárias (terciárias³). Já no Brasil, a formação ocorre em IES credenciadas pelo MEC e apresenta uma diversidade de formatos (modalidades, categorias administrativas etc.) (FONSECA DA SILVA; BUJÁN, 2016). No que se refere à quantidade atual de cursos de professorados das diferentes linguagens artísticas, constatamos o que segue na sequência (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Quantidade de cursos de professorados em Arte (Educação Artística) na Argentina – IES universitárias e IES não universitárias (2018)



Fonte: Elaborado por Alvarenga (2020) com base no MINCYT e nos *sites* das IES universitárias de Artes Visuais e/ou com nomenclaturas semelhantes da Argentina.

Na Argentina, segundo o MINCYT, em 2018, havia a seguinte quantidade de cursos de professorados (formação docente) em Arte nas IES universitárias, tanto públicas quanto privadas: Dança (10), Teatro (10), Artes Visuais (27) e Música (107), totalizando 154. Já nas IES não universitárias (terciárias) havia o seguinte: 50 cursos de Dança, 42 de Teatro, 110 de Artes Visuais e 113 de Música, totalizando 315. Vemos, portanto, que nesse país a maior concentração de cursos de Arte, de todas as linguagens artísticas⁴, reside nas IES terciárias. Verificamos, ainda, que a maioria dos cursos é

³ “Na Argentina, os cursos de professorados são ofertados por IES universitárias e não universitárias (terciárias), sendo que as primeiras realmente contam com uma estrutura de universidade e uma maior autonomia docente, já as segundas não” (ALVARENGA, 2020, p. 40). Vale ressaltar que, nesse país, “*Los institutos de nivel superior en arte vienen desempeñando una función estratégica, tanto en lo referido a la formación de artistas y a la producción cultural, como en la formación de profesores de arte en los distintos lenguajes artísticos. En muchos casos estos institutos constituyen la única alternativa formativa sistemática en arte y formación docente de todo un distrito o región. En su origen, estos institutos formaban profesores de arte en las diferentes especialidades artísticas poniendo el acento en la formación disciplinar y técnica, con la inclusión de escasas materias pedagógicas y didácticas hacia el final de la carrera*” (ARGENTINA, 2009, p. 22).

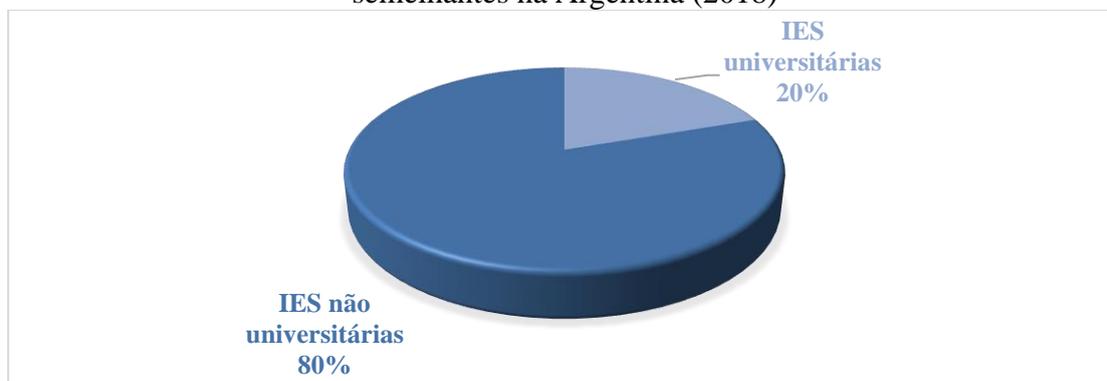
⁴ “Outro dado que identificamos no decorrer da pesquisa foi que as nomenclaturas dos cursos de professorados da área de Arte, ofertados pelas IES não universitárias, correspondentes ao

ofertada na modalidade presencial e por IES públicas, sendo que “[...] os cursos com categoria administrativa privada são pouco representativos em relação aos cursos estatais nos dois segmentos”. (ALVARENGA, 2020, p. 201).

Consideramos que os professorados em Artes Visuais estão em consonância com as demais linguagens artísticas no que se refere ao local, ao formato, à modalidade e à categoria administrativa dos cursos de formação docente da área de Arte na Argentina.

No que se refere, especificamente, aos professorados de Artes Visuais, como podemos observar no Gráfico 2, em 2018, a maior quantidade de cursos de formação docente nessa linguagem artística na Argentina se concentrava em IES não universitárias (terciárias).

Gráfico 2 – Cursos de professorados em Artes Visuais e/ou com nomenclaturas semelhantes na Argentina (2018)



Fonte: Elaborado por Alvarenga (2020) com base no MINCYT.

Tendo por base o Gráfico 2, observamos que do total de professorados em Artes Visuais e/ou com nomenclaturas semelhantes (Belas Artes e Artes Plásticas) existentes na Argentina, em 2018, 20% (27 cursos) estavam em IES universitárias e 80% (110 cursos) em IES não universitárias (terciárias).

Considerando os dados apresentados neste tópico, podemos observar que, na Argentina, assim como no Brasil, há diferentes locais que formam professores de Arte para atuar na educação básica. Tais locais distintos também propiciam formações diversificadas. Além disso, a Música e as Artes Visuais se sobressaem em relação à quantidade de cursos de Teatro e de Dança. Na sequência, apresentamos os dados

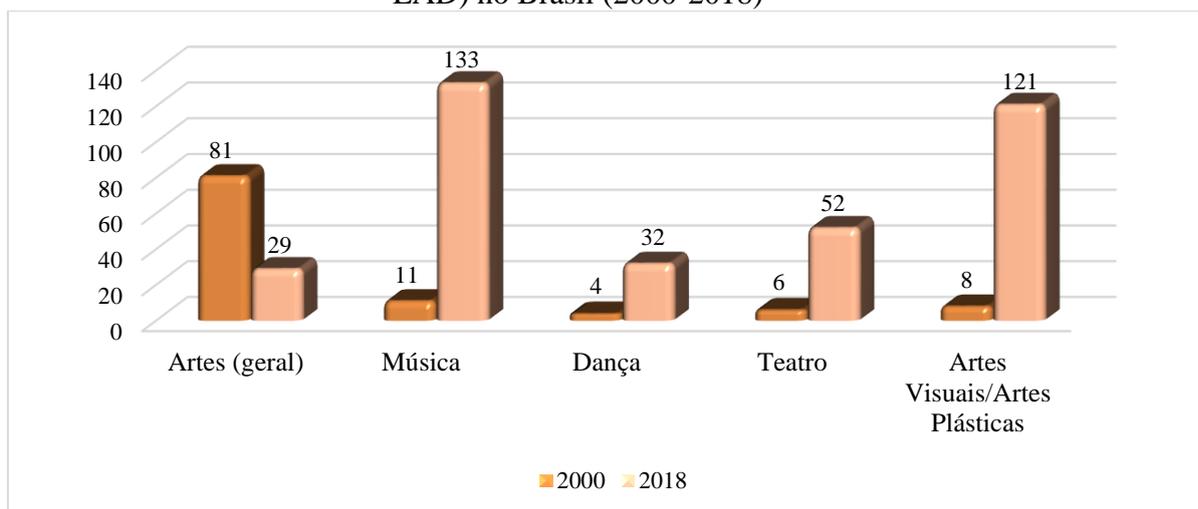
ciclo longo, ou seja, um período de quatro anos ou mais, não apresentavam alterações: todos eles tinham a mesma denominação (por exemplo: professorado em Teatro, em Dança, em Música ou em Artes Visuais). Já as nomenclaturas daqueles ofertados por IES universitárias, além de ter uma variação maior de nomenclatura em todas as linguagens artísticas, apresentavam, muitas vezes, orientações específicas, como: Artes Plásticas com orientação em gravura” (ALVARENGA, 2020, p. 201).

relativos aos cursos de licenciatura da área de Arte no Brasil e os diferentes *locus* de formação docente.

Cursos de graduação em Arte, com foco nas Artes Visuais (Brasil)

No Brasil, de acordo com os dados do Inep/MEC, em 2018, havia a seguinte quantidade de cursos: 29 cursos de Artes (Educação Artística)⁵, 121 de Artes Visuais, 133 de Música, 52 de Teatro e 32 de Dança, totalizando 367. Vale ressaltar que nesse conjunto foram considerados os cursos ofertados nas modalidades presencial e EAD, assim como as categorias administrativas pública, privada e comunitária. No Gráfico 3, podemos observar a alteração da quantidade de cursos de licenciatura na área Arte entre os anos 2000 e 2018 de modo mais detalhado.

Gráfico 3 – Cursos de licenciatura (formação docente) na área de Arte (presenciais e EAD) no Brasil (2000-2018)



Fonte: Elaborado por Alvarenga (2020) com base em Inep/MEC.

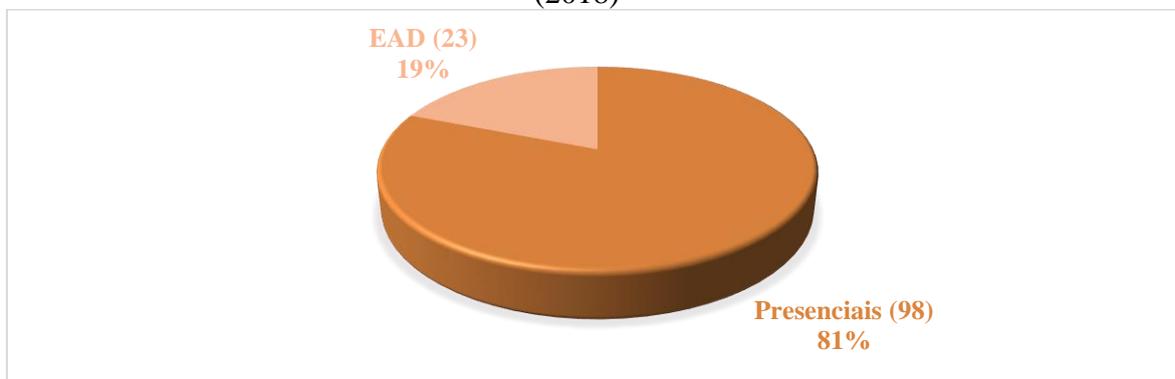
Tendo por base a quantidade de cursos nos anos 2000, identificamos que houve um aumento de cursos nas quatro linguagens artísticas específicas e uma diminuição dos cursos de Arte com características polivalentes: em 2000, havia 81 cursos de Artes (geral) e, em 2018, esse número caiu para 29 cursos. No Gráfico 3, observamos ainda que, no ano supracitado, a quantidade de cursos de Artes Visuais e Música é semelhante, sendo que os cursos de Dança e Teatro apresentam uma quantidade menor, tal como acontece na Argentina.

No que se refere especificamente aos cursos de licenciatura em Artes Visuais,

⁵ Essa é uma nomenclatura utilizada pelo Inep/MEC para abranger uma diversidade de denominações que envolvem as licenciaturas da área artística e, segundo Alvarenga (2020), tal denominação corresponde a cursos com características polivalentes e/ou interdisciplinares.

precisamos pontuar sobre o aspecto das diferentes modalidades (presencial ou EAD) em que eles são ofertados, tal como podemos observar no Gráfico 4 a seguir.

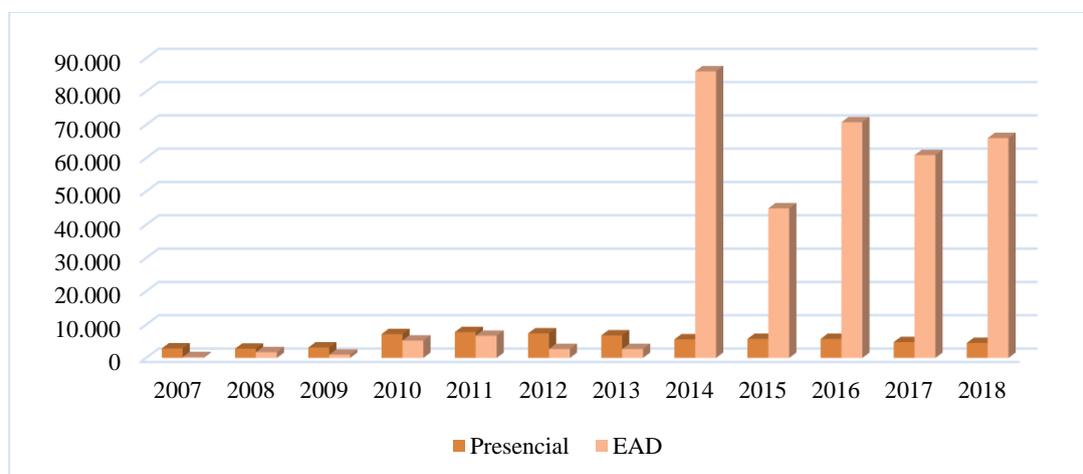
Gráfico 4 – Cursos de licenciatura em Artes Visuais (presenciais e EAD) no Brasil (2018)



Fonte: Elaborado por Alvarenga (2020) com base em Inep/MEC.

Tendo por referência o Gráfico 4, observamos que a quantidade de cursos de licenciatura em Artes Visuais presenciais (98 cursos – 81%) supera, e muito, a quantidade dos cursos dessa linguagem artística ofertados na modalidade EAD (23 cursos – 19%). Porém, precisamos lembrar que os cursos ofertados nessa última modalidade têm características diferenciadas dos cursos presenciais, tais como: não se limita ao espaço físico, a mesma IES e o mesmo curso podem criar polos em diversas cidades e/ou regiões, inclusive em locais com populações baixíssimas aonde as IES presenciais não costumam chegar. Sendo assim, precisamos apresentar a relação do número de vagas dos cursos de licenciatura dessa linguagem artística nessas duas modalidades, tal como podemos observar no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Número de vagas ofertadas pelos cursos de licenciatura em Artes Visuais (presenciais e EAD) no Brasil (2007-2018)



Fonte: Elaborado por Alvarenga (2020) com base em Inep/MEC.

A partir do Gráfico 5, podemos observar que, após o surgimento dos cursos de graduação em Artes Visuais na modalidade EAD, em 2007, conforme apresentado por Sampaio (2012), o número de vagas ofertadas nesses últimos era reduzido se comparado com a quantidade de vagas ofertadas nos cursos presenciais. Aspecto esse que se manteve até 2013, ocorrendo uma mudança a partir do ano de 2014, quando a quantidade de vagas nos cursos de licenciatura em Artes Visuais na modalidade EAD superou, e muito, as vagas dos cursos presenciais, o que se manteve desde então.

Se considerarmos os dados do Gráfico 4 sobre a quantidade de cursos de licenciatura em Artes Visuais nas duas modalidades (EAD – 19% e presenciais – 81%), em 2018, vemos que o total de “[...] vagas que os cursos de Artes Visuais na modalidade EAD ofertaram nesse ano (66.026) é extremamente maior se equiparada com as ofertadas pelos cursos dessa mesma linguagem artística, pertencentes à modalidade presencial (4.510)” (ALVARENGA, 2020, p. 232-233). Sobre esse aspecto da expansão dos cursos de licenciatura na modalidade EAD, precisamos destacar que ele não é exclusivo da área artística, estando

[...] alinhado às novas tendências da formação docente em geral neste país, advindas da reestruturação produtiva do capitalismo, e às orientações dos organismos multilaterais. Aspecto esse que é extremamente preocupante, visto que, ao pregar uma ampliação da oferta de formação em regiões longínquas, com poucos habitantes, visando resolver a distorção da adequação entre formação/atuação docente, o mercado educacional do nível superior, em geral, fornece uma formação aligeirada e, muitas vezes, com qualidade questionável. Nesse sentido, considera-se que são necessárias mais investigações para verificar como é, de fato, a formação docente ofertada por esses cursos de artes visuais na modalidade EAD, qual efetivação de disciplinas/atividades práticas de ateliê (gravura, desenho, pintura, escultura etc.) que esse tipo de curso exige, qual a formação dos professores formadores que atuam nesses cursos, entre muitos outros fatores (ALVARENGA, 2021, p. 174).

Nesse sentido, consideramos que os cursos de licenciatura em Arte no Brasil apresentam um diferencial em relação à Argentina: no Brasil, existem cursos de Artes (Educação Artística) ou Artes (geral), os quais costumam apresentar características polivalentes, já na Argentina encontramos apenas cursos de professorados com linguagens artísticas específicas e separadas. Vimos que a quantidade de cursos em Música e Artes Visuais no Brasil também se sobressaem em relação aos cursos de Teatro e Dança, o que significa que há menos professores formados nessas duas últimas linguagens artísticas para atender à educação básica, predominando professores de Música e Artes Visuais.

Vemos, portanto, que tanto o Brasil quanto a Argentina oferecem

possibilidades distintas de formação docente na área de Arte, seja pela multiplicidade de cursos com diferentes formatos, modalidades de ensino (presencial e EAD), categorias administrativas (pública, privada, comunitária), cursos com características polivalentes e cursos específicos que o Brasil oferece, seja pelos diferentes locais de formação docente na Argentina (IES universitárias e não universitárias), embora haja predominância dos cursos presenciais e públicos nesse país. Esses diferentes formatos de cursos podem propiciar formações muito divergentes, implicando perfis diversos de professores de arte que atuarão na educação básica em ambos os países.

Na sequência, faremos breves reflexões sobre o currículo dos cursos de formação docente em Artes Visuais nos dois países analisados, aspecto que está intrinsecamente articulado à heterogeneidade dos formatos dos cursos de licenciatura/professorados existentes.

Cursos de formação docente em Artes Visuais no Brasil e na Argentina: matrizes curriculares

Os cursos de formação docente em Artes Visuais, tanto no Brasil quanto na Argentina, têm matrizes curriculares cujas disciplinas podemos dividir em três grandes eixos, assim como são classificados por Fonseca da Silva (2014), a saber: (1) teórico/histórico; (2) artístico/ateliê e (3) pedagógico/ensino. Ainda que o conjunto das disciplinas que englobam o currículo possam apresentar em menor ou maior grau todos os eixos supracitados, a divisão foi realizada devido à preponderância de direcionamentos presentes entre as disciplinas que compõem os cursos.

Podemos afirmar que as disciplinas de cunho mais teórico/histórico têm um enfoque maior para conceitos, teorias, movimentos e/ou períodos artísticos de modo inter-relacionado com a Sociologia, a Filosofia, a Antropologia, a História etc. Como exemplos de disciplinas que se encaixam nesse eixo podemos citar: História da Arte, Semiótica, Filosofia da Arte, Antropologia da Arte, Leitura de Imagem, Sociologia da Arte, Museologia, Teoria e Meios de Comunicação, Teoria e História da Historiografia das Artes Plásticas, Introdução à Curadoria e Mediação, entre outras equivalentes.

Quanto ao eixo das disciplinas que denominamos de artístico/ateliê, podemos inferir que o direcionamento maior é para a prática artística, sem desconsiderar a teoria. Nessas disciplinas, o foco reside nos processos criativos, assim como em aspectos técnicos de trabalhos artísticos diversificados. Em geral, ocorre a produção de objetos artísticos, a exposição deles e a reflexão sobre o processo de criação. Como exemplos de disciplinas relacionadas com esse eixo podemos citar: Pintura, Escultura, Gravura,

Desenho, Fotografia, *Taller* de Produção Artística, Introdução à Produção Tridimensional, Mídias Digitais, Gravura e Arte Impressa, Cerâmica, Poéticas Contemporâneas, Arte de Ação (*happenings, performances*, intervenção urbana etc.), entre outras semelhantes.

No que se refere às disciplinas do eixo pedagógico/ensino, podemos afirmar que elas estão mais diretamente conectadas com o processo de ensino-aprendizagem de Arte, ou seja, elas apresentam aspectos teóricos e práticos sobre a área educativa, a qual envolve conhecimentos metodológicos, didáticos, curriculares, de políticas públicas educacionais etc. Em outras palavras, o foco das disciplinas desse eixo está na fundamentação teórica e na vivência do ensino da Arte e da docência. No que tange aos exemplos de disciplinas desse eixo, temos: Metodologia do Ensino de Arte, Estágio Supervisionado/Residência Docente, Prática de Ensino/Prática Docente, Didática, Estudos Culturais e Ensino de Arte, Psicologia da Educação, *Taller* de Ação Educativa, Gestão e Organização do Trabalho Pedagógico, Sociologia da Educação, Políticas Públicas Educacionais, Currículo e Didática, Fundamentos da Arte para Educação, entre outras similares.

Ao observarmos as matrizes curriculares em 23 IES que ofertam cursos de formação docente em Artes Visuais no Brasil e na Argentina, sendo 13 no primeiro (UFRR, UFAM, UFPE, UFMA, UFMS, UFG, UFES, UFU, USP, UERJ, UFPR, UFRGS e UDESC) e 10 no segundo (UNCUYO, UNA, UNC, UNLP, UNR, UNAM, UNSJ, UADER, IUPA e UBA), identificamos que os cursos apresentam enfoques distintos em relação aos três eixos disciplinares, tendo por referência a quantidade de disciplinas direcionadas para cada um dos eixos no conjunto das matrizes. Aspecto esse que também foi constatado por Azevedo (2014) ao analisar as matrizes curriculares de três cursos no Brasil (UDESC, UERJ e USP) e dois na Argentina (UNA e UNLP). Essa autora também constatou que há uma diversidade de enfoques, contendo, por sua vez, distanciamentos e aproximações entre os cursos nos dois países. Um dos motivos para isso consiste no:

[...] fato das pesquisas em artes visuais vivenciarem, na atualidade, tal momento de revisão historiográfica. Nesse sentido, o afastamento da reflexão acerca da História da Arte, a partir da priorização dos processos artísticos contemporâneos, ou mesmo de um direcionamento da formação inicial para os aspectos pedagógicos da docência em artes, podem revelar certa hesitação acadêmica frente às questões polêmicas que permeiam tais revisões [curriculares] (AZEVEDO, 2014, p. 167).

A estruturação do currículo dos cursos de formação docente em Artes Visuais

nos dois países se inter-relaciona com as distintas concepções de qual seria a formação mais adequada para os professores: um conhecimento mais teórico, mais artístico, mais pedagógico, um equilíbrio entre esses três aspectos etc. Se considerarmos os cursos da mesma região e/ou do mesmo país, também encontraremos essa variação da quantidade de disciplinas (implicando perspectivas profundas de formação) de acordo com os três eixos disciplinares, tal como ocorre em ambos os países. Os cursos analisados apresentaram uma diversidade de enfoques, predominando ora um, ora outro direcionamento, o que pode gerar, conseqüentemente, formações heterogêneas.

Outro elemento relevante que consideramos importante pontuar foi o fato de que as disciplinas do eixo pedagógico/ensino, nos 23 cursos analisados, por vezes eram ofertadas nos departamentos de Arte, por vezes nos departamentos de Educação e às vezes em ambos. Ou seja, não há unicidade em relação ao local responsável pela oferta das disciplinas desse eixo nos dois países. Nesse sentido, consideramos que as disciplinas desse eixo, por apresentarem um elemento próprio da área artística em conjunto com o aspecto educacional, podem pender mais para um aspecto ou para outro de acordo com a formação dos professores formadores (universitários) que atuam nos diferentes departamentos.

No que se refere à quantidade de alunos por turma nos cursos de Arte em ambos os países, na Argentina, em IES universitárias, podem existir mais de 100/150 alunos por turma/disciplina em cursos presenciais, e no Brasil essa média varia de 16 a 40 alunos, exceto na EAD, que conta com um formato distinto do presencial e pode conter um número altíssimo de alunos. Alvarenga (2020, p. 392) afirma que a

[...] a reorganização produtiva do capitalismo nos idos de 1990 atingiu os diversos níveis e as etapas de ensino, inclusive o superior [...] aumentando a quantidade de alunos por professor, reorganizando os regimes de trabalho e aumentando a precarização das condições de trabalho dos professores universitários, embora esses processos tenham ocorrido de modos distintos no Brasil e na Argentina, devido às características educacionais anteriores de cada país.

Sobre esse aspecto, precisamos considerar que a quantidade de alunos por professor no ensino superior é um ponto que pode interferir na qualidade da formação docente e que esse aumento de alunos por docente⁶ também está aliado à lógica do

⁶ Quanto aos professores universitários, na Argentina, vários professores trabalham em conjunto em uma disciplina (titular, ajudante de 1º e de 2º, chefe de trabalhos práticos etc.), já no Brasil, em geral, apenas um professor é responsável pela sua disciplina nos cursos presenciais, enquanto nos cursos na modalidade EAD há uma fragmentação do trabalho docente: um grupo organiza o material impresso, outro grava as videoaulas, outro corrige os trabalhos (teóricos ou práticos) etc.

capitalismo de “aproveitar” o mesmo professor para o maior número possível de alunos, tanto no setor público quanto no setor privado.

Em síntese, podemos observar semelhanças entre o currículo dos cursos de formação docente em Artes Visuais no Brasil e na Argentina se considerarmos que eles têm em sua base os três eixos disciplinares (teórico/histórico, artístico/ateliê, pedagógico/ensino) e que em ambos os países há diferentes enfoques para a formação docente, tendo por referência a quantidade de disciplinas que cada curso e/ou IES oferta.

Considerações finais

A partir do exposto, podemos considerar que há tanto distinções quanto similaridades entre os cursos de formação docente em Arte no Brasil e na Argentina.

No que tange às diferenças, podemos inferir que a obrigatoriedade do ensino da Arte/Educação Artística aconteceu em períodos muito distintos nos dois países (1884 na Argentina e 1971 no Brasil) e isso foi moldando o formato dos cursos de formação docente da área de Arte em conjunto com as políticas públicas educacionais gerais e com as mudanças socioeconômicas em ambos os países. A partir da reestruturação produtiva do capitalismo, principalmente nos anos de 1990, ocorre a expansão educacional (educação básica) e a necessidade de aumento de cursos de ensino superior, o que, por sua vez, propiciou a ampliação da diversidade dos locais/formatos da formação docente – EAD e terciárias. Sobre esse ponto, precisamos considerar que o aumento da oferta de cursos em regiões longínquas pode diminuir o problema da falta de professores com formação adequada na área de Arte para atuação docente em algumas localidades, porém amplia o nicho educacional mercadológico da EAD, no caso brasileiro, e/ou faz com que o governo não se precise se preocupar em criar cursos em IES universitárias, no caso da Argentina.

No que se refere às similaridades, podemos deduzir que consistem nas variações das nomenclaturas dos cursos, sendo as mais comuns: Artes Visuais, Artes Plásticas e Belas Artes, assim como nos dois países os cursos de Artes Visuais e Música apresentam uma quantidade maior em relação aos cursos de Teatro e Dança, o que pode ser justificado pela inserção das duas primeiras linguagens artísticas como obrigatórias na escola e pela maior tradição das Academias de Belas Artes e Conservatórios de Música, “[...] tais aspectos se refletem até hoje na quantidade de cursos de Graduação na área de Arte, o que pode deixar essa área dividida” (ALVARENGA, 2020, p. 394).

No que se refere aos cursos específicos de Artes Visuais, na Argentina eles se

concentram nas IES não universitárias (terciárias), enquanto no Brasil, apesar de haver mais cursos presenciais, muitas das vagas e das matrículas se concentram nos cursos ofertados pela modalidade EAD. Ou seja, em ambos os países, a formação docente em Artes Visuais tem ocorrido em locais que, muitas vezes, podem ofertar uma formação com qualidade questionável, o que está em consonância com as novas exigências do capitalismo (aceleração do processo formativo e/ou superficialidade de conteúdos). Na Argentina, pouquíssimos cursos têm categoria administrativa privada ou são ofertados na modalidade EAD, já no Brasil há muitos cursos privados (46% do total) e a maioria das vagas/matrículas tem se concentrado nos cursos EAD com categoria administrativa privada.

Quanto às semelhanças entre os cursos em ambos os países, identificamos que há pontos parecidos na questão do elemento geográfico (localização dos cursos), visto que há concentração de cursos presenciais nas capitais (no Brasil também há a concentração na faixa litorânea) e na Argentina a concentração de cursos ofertados em IES universitárias em grandes centros urbanos; já as IES não universitárias (terciárias) atendem aos demais locais desse país e, no Brasil, as demais localidades estão sendo supridas por polos de cursos na modalidade EAD.

As semelhanças também aparecem por meio da organização dos currículos dos cursos em ambos os países, os quais comportam, em geral os três eixos disciplinares (teórico/histórico, artístico/ateliê e pedagógico/ensino) e apresentam diferentes enfoques das matrizes curriculares, conforme as concepções de qual seria a melhor formação de acordo com as diferentes IES, ou seja, uma formação mais voltada para os processos artísticos, para o ensino de Arte, para a história/teoria da Arte ou uma formação que equilibre esses três eixos disciplinares.

Em síntese, podemos concluir que as semelhanças são mais relacionadas com os aspectos da área de Arte (eixos disciplinares na matriz curricular, quantidade de cursos das linguagens artísticas, variação de nomenclaturas), e as diferenças estão mais associadas aos aspectos educacionais em geral, perpassando pelo viés social, histórico, político e econômico próprios de cada país (quantidade de alunos por turma, quantidade de professores por disciplina, categoria administrativa dos cursos, modalidades etc.). Sendo assim, a formação docente em Arte, especialmente em Artes Visuais, no Brasil e na Argentina, tem muitos pontos em comum, aspecto que pode propiciar diálogos profícuos entre os países, visando ao aperfeiçoamento do ensino e da formação docente em Arte.

Referências

ALVARENGA, V. M. **A formação dos professores formadores nos cursos de graduação em Artes Visuais: estudos comparados entre Brasil e Argentina.** 2020. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Udesc, Florianópolis, 2020.

ALVARENGA, V. M. Modificação do *locus* de formação docente em Artes Visuais no Brasil: do presencial para o EAD. *In: SENHORAS, E. M. (org.). Políticas públicas na educação e a construção do pacto social e da sociabilidade humana 3.* Ponta Grossa: Atena, 2021. p. 167-176.

ALVARENGA, V. M.; FONSECA DA SILVA, M. C. R. Formação docente em Arte: percurso e expectativas a partir da Lei nº 13.278/16. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 1009-1030, jul./set. 2018.

ARGENTINA. Ministerio de Educación. **Serie Recomendaciones para la elaboración de diseños curriculares profesorado de Educación Artística.** Buenos Aires, 2009. Formación docente. Disponível em: <https://cedoc.infed.edu.ar/wp-content/uploads/2020/01/artistica.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2021.

ARGENTINA. Ministerio de Educación. **Ley nº 1.420 de Educación Común y su reglamentación, de 8 de julho de 1884.** Buenos Aires, 1884. Disponível em: <http://www.bnm.me.gov.ar/giga1/documentos/EL002646.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2021.

ARGENTINA. Sistema Educativo Nacional. **Ley Federal de Educacion, Ley 24.195/1993.** Buenos Aires: Honorable Congreso de la Nacion Argentina, 1993. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/normativa/nacional/ley-24195-17009>. Acesso em: 15 mar. 2021.

AZEVEDO, I. G. **O lugar da América Latina na formação inicial de professores de Artes Visuais no Brasil e na Argentina.** 2014. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – UDESC, Florianópolis, 2014.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 1971. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 23 mar. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 23 mar. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016.** Altera o § 6º do artigo 26 da Lei nº 9.394/96, referente ao ensino da arte. Brasília: Presidência da República, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/113278.htm. Acesso em: 23 mar. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.** Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das

Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Brasília: Presidência da República, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm. Acesso em: 23 mar. 2021.

CHAPATO, M. E. Nuevos horizontes y escenarios en educación artística: volver a pensar la formación de arte. *In*: CHAPATO, M. E.; DIMATTEO, M. C. (org.) **Educación artística**: horizontes, escenarios y prácticas emergentes. Buenos Aires: Biblos, 2014. p. 9-26.

CHAPATO, M. E.; DIMATTEO, M. C. Alcances de la educación artística a comienzos de un nuevo milênio. *In*: CHAPATO, M. E.; DIMATTEO, M. C. (org.) **Educación artística**: horizontes, escenarios y prácticas emergentes. Buenos Aires: Biblos, 2014. p. 27-52.

FONSECA DA SILVA, M. C. R. Formação de professores nas licenciaturas em Artes Visuais: o processo de criação. *In*: ENCONTRO DA ANPAP, 23., 2014, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 671-685.

FONSECA DA SILVA, M. C. R.; BUJÁN, F. Políticas públicas de formação docente em artes: perspectivas em duas realidades, Brasil e Argentina. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 26-52, jan./abr. 2016.

SAMPAIO, J. L. F. O que se ensina e o que se aprende nas licenciaturas em artes visuais a distância? **Divers@**: Revista Eletrônica Interdisciplinar, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 8-30, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/34161/21278>. Acesso em: 13 de mar. 2021.

WELTI, M. E. Martín Malharro y la enseñanza del dibujo en la escuela primaria Argentina (1904-1909). *In*: JORNADAS NACIONALES DE INVESTIGACIÓN EN ARTE EN ARGENTINA, 8., 2011, La Plata. **Anais** [...]. UNLP: La Plata, 2011.